

# **Inglês, Francês, Alemão, Russo ou Espanhol? Um estudo sobre o pianista colaborador e seus conhecimentos lingüísticos relacionados a línguas estrangeiras<sup>1</sup>**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

*Guilherme Farias de Castro Montenegro*

*CEP – Escola de Música de Brasília – gfmontenegro@gmail.com*

**Resumo:** Este artigo apresenta um estudo inicial sobre os conhecimentos lingüísticos do pianista colaborador especializado em repertório vocal, especialmente as línguas estrangeiras - LE. Um questionário foi aplicado a profissionais de uma escola especializada em música em Brasília. Nos resultados, os pianistas aprendem diversas línguas estrangeiras ao longo da vida, e parte dessas aprendizagens são decorrentes do trabalho musical com cantores ou corais. São sugeridos diálogos na interface entre música, educação e lingüística, especialmente no contexto formativo universitário.

**Palavras-chave:** Pianista colaborador. Pianista acompanhador. Escola de música. Aprendizagem de língua estrangeira.

**English, French, German, Russian or Spanish? A Study on the Collaborative Pianist and Knowledge of Foreign Languages**

**Abstract:** This article presents an initial study on the foreign language skills of the collaborative pianist specialized in vocal repertoire. Questionnaire was applied to professionals who work at a music school in Brasília. In the results, pianists learn several foreign languages throughout their lives, and part of this training results from musical work with singers or choirs. Dialogues must be established among music, education and linguistics, especially in the university studies.

**Keywords:** Collaborative pianist. Accompanying pianist. Music school. Foreign language learning.

## **1. O pianista colaborador especialista em repertório vocal**

O pianista colaborador pode desenvolver trabalhos musicais cujo repertório seja instrumental ou vocal. Com a diversidade desses repertórios e, dependendo do contexto de trabalho, o profissional pode optar e se especializar num ou noutro campo (MUNIZ, 2010). O repertório vocal, obviamente, apresenta o texto como um elemento que o distingue do repertório instrumental. Relativamente ao universo da música erudita, a letra da música é registrada ao longo da partitura, apontando quando e como o músico deve cantar, realizar determinadas inflexões e interpretar a canção.

A herança da cultura européia ocidental ainda é observada em várias práticas musicais no Brasil, incluindo aquelas voltadas ao repertório vocal. Em cursos e festivais de música, aulas de canto em estúdios particulares, em apresentações corais, o repertório europeu

é bastante interpretado. Mesmo a escolha desse repertório reflete a tradição: os motetos renascentistas; as partes do Ordinário da Missa; as operetas e árias antigas e clássicas; canções românticas e impressionistas; e as canções contemporâneas.

De acordo com a literatura, o pianista colaborador especializado em repertório vocal precisa dominar conhecimentos que extrapolam o campo musical. Principalmente, é recomendável conhecer os princípios de técnica vocal e ter alguns conhecimentos de natureza lingüística nas dimensões da fonética, pronúncia, dicção e de tradução básica de Línguas Estrangeiras – LE<sup>2</sup>. Ao acompanhar os cantores, então, o pianista lida frequentemente com as seguintes línguas estrangeiras: latim, italiano, francês, inglês e alemão (SOUSA, 2014; MONTENEGRO, 2013; CORCORAN, 2011; KATZ, 2009; ADLER, 1965).

Até que ponto o pianista conhece ou está familiarizado com esses idiomas? Quais competências lingüísticas são desenvolvidas nesse trabalho musical? Como aprende os idiomas? Quais as relações entre os conhecimentos de LE e a interpretação pianística? A natureza lingüística do trabalho desse músico e os desafios enfrentados pelo autor em seu cotidiano profissional incentivaram este artigo cujo objetivo é investigar os conhecimentos lingüísticos do pianista colaborador relativos a LE. Como objetivo específico, conhecer como o pianista colaborador aprende as línguas estrangeiras. A seguir, são relatados os procedimentos metodológicos do presente estudo.

## **2. Metodologia**

Para o cumprimento do objetivo, um questionário foi elaborado com ferramentas do *Formulários Google*, e posteriormente enviado por *e-mail* a 11 pianistas colaboradores atuantes em uma escola especializada de música<sup>3</sup> em Brasília. Esse questionário foi estruturado com seis questões, sendo 4 fechadas e 2 abertas. Conforme as recomendações na literatura sobre metodologia em pesquisa qualitativa, as questões foram cuidadosamente redigidas de forma a assegurar a clareza e precisão dos termos, e a ordem das perguntas foi gradativamente apresentada conforme o grau de dificuldade (GIL, 2010). Desse modo, as questões abertas foram postas por último e com o objetivo de não influenciar a resposta. Por fim, optou-se por um questionário com poucas perguntas para aumentar a probabilidade dos indivíduos o responderem (GIL, 2010).

Para descrever o perfil básico dos respondentes, precedendo a coleta de dados propriamente dita, foram solicitadas três informações mais simples: o tempo de experiência na instituição em que trabalham; o tempo de experiência geral com cantores e/ou corais; e qual foi a última formação acadêmica concluída. Oito questionários foram respondidos,

representando um pouco mais de 72% do universo total de pianistas vinculados à instituição atualmente.

A opção pelo método ou técnica de pesquisa deve ter coerência com a abordagem da pesquisa e a natureza dos objetivos propostos pelo investigador, conforme preconizam alguns autores (CHAER; DINIZ; RIBEIRO, 2011; GIL, 2010). Apesar de ser bastante utilizado em pesquisas de opinião pública e de mercado, o questionário também se mostrou adequado a este estudo porque contempla questões objetivas que puderam ser destinadas a um grupo específico de pessoas, neste caso os pianistas colaboradores (GIL, 2010).

### **3. Resultados e Discussão**

Os participantes deste estudo são bastante familiarizados com o trabalho musical acompanhando cantores e/ou corais. O tempo de experiência dos pianistas nesse tipo de atuação variou entre 15 anos e 30 anos.

Sobre o tempo de trabalho no espaço escolar, os resultados foram variados, indicando que os pianistas estão em diferentes estágios de carreira: ingressante (1 ano; 9 anos), intermediário (15 anos) e avançado (faixa entre 20 e 25 anos).

A formação acadêmica de todos os inquiridos é de nível superior em função das exigências legais de contratação de profissionais para a escola. A maior parte deles também têm pós-graduação concluída. Dois pianistas são Mestres, dois são Especialistas e dois são Graduados em Música e/ou Educação Artística. Com relação à formação acadêmica em áreas afins, um pianista tem Especialização, e outro possui Mestrado.

Os conhecimentos de LE dos pianistas voltados à pronúncia, fonética e dicção foram indicados, no questionário, em termos de “noções básicas”. Oito alternativas foram disponibilizadas. Inglês, Italiano, Alemão e Francês são as línguas mais frequentemente cantadas no repertório operístico, de acordo com um estudo anterior (CORCORAN, 2011). Nessa investigação mencionada, os idiomas Russo e Tcheco são familiares aos pianistas, e por isso também foram incluídos no questionário para verificar se os resultados se repetiriam. Nos resultados apresentados neste artigo, o Inglês foi apontado como o idioma mais conhecido entre os respondentes (100%), seguido do Francês (87,5%). Por outro lado, o Latim parece ser o idioma menos familiar, sendo confirmado por apenas 2 pianistas colaboradores. Nenhum respondente sinalizou o conhecimento sobre o Tcheco ou o Russo.

Nenhum	Alemão	Espanhol	Francês	Inglês	Italiano	Latim	Russo	Tcheco	Outros
0	4	4	7	8	3	2	0	0	0
-	50%	50%	87,5%	100%	37,5%	25%	-	-	-

Tabela 1 – Noções básicas de línguas estrangeiras nos aspectos de fonética, dicção e pronúncia. FONTE: autoria própria.

Destaca-se que o Francês e o Inglês estiveram presentes durante muito tempo nos currículos das escolas da educação básica no Brasil desde a implementação da língua estrangeira moderna como disciplina obrigatória pela Lei de Diretrizes e Bases. Posteriormente, a presença do Espanhol como disciplina obrigatória no Ensino Médio também pode ter exercido alguma influência sobre o resultado de 50% dos pianistas nesse idioma. O Latim, embora tenha sido relacionado por apenas dois respondentes, é uma língua comum em repertório coral. Um exemplo desse comentário são as Missas, destinadas à Liturgia da Igreja Católica desde séculos anteriores. Possivelmente, os respondentes têm contato com o Latim atuando em corais.

A necessidade do estudo e do conhecimento sobre fonética e dicção voltada ao repertório vocal é indicada por alguns autores (KATZ, 2009; ADLER, 1965). Por exemplo, a variedade de vogais fonéticas em Italiano (7), Alemão (14), Inglês (15) e Francês (16) extrapolam o entendimento em senso comum de que as línguas só teriam cinco vogais do alfabeto (ADLER, 1965, p. 43).

A habilidade de traduzir a língua estrangeira ao português também foi indagada aos pianistas. Sobre esse assunto, Sousa (2014) comenta que o pianista colaborador que tem habilidade de tradução, ainda que em nível mais superficial, compreende significados que dão suporte à interpretação musical. Nos resultados deste estudo, mais uma vez, o Inglês apareceu como a LE mais familiar. É uma língua cujos conhecimentos permitem a tradução ao português por 75% dos participantes. Tanto o Espanhol quanto o Italiano podem ser traduzidos por 50% dos pianistas. Apenas 25% dos respondentes dominam a tradução do Latim (2). Um participante sinalizou que não consegue traduzir nenhuma língua estrangeira. Na análise detalhada dos questionários, esse mesmo participante assinalou Francês e Inglês como línguas estrangeiras familiares no quesito da fonética, pronúncia e dicção.

<b>Nenhuma</b>	<b>Alemão</b>	<b>Espanhol</b>	<b>Francês</b>	<b>Inglês</b>	<b>Italiano</b>	<b>Latim</b>	<b>Russo</b>	<b>Tcheco</b>	<b>Outros</b>
1	3	4	3	6	4	2	0	0	0
12,5%	37,5%	50%	37,5%	75%	50%	25%	-	-	-

Tabela 2 – Habilidade de tradução da(s) língua(s) estrangeira(s) ao português pelos pianistas colaboradores.  
FONTE: autoria própria.

Em seu estudo sobre a atuação do pianista especializado em produções operísticas, Corcoran (2011), ao invés da tradução, destaca outras competências relacionadas às línguas estrangeiras: leitura, compreensão auditiva, fala e dicção voltada ao canto<sup>4</sup>. Entretanto, essas dimensões fogem ao escopo deste artigo e, por isso, não foram consideradas.

A relação entre texto e música é destacada por alguns autores, e há estudos que sugerem interpretações de canções a partir da análise e do entendimento do texto. Análises lingüísticas, principalmente na dimensão lexical e semântica, têm promovido a coerência da interpretação do repertório vocal por ambos os músicos – cantores e pianistas (BALLESTERO, 2014). De acordo com esse autor, a tradução da língua estrangeira seria uma competência passiva que a difere de outras competências, como se comunicar e falar na língua-alvo (BALLESTERO, 2014, p. 3). Ainda assim, o autor sustenta a importância da tradução do texto em LE para a interpretação musical.

De acordo com os resultados ora apresentados, a aquisição de LE pelos pianistas colaboradores ocorreu em diferentes situações e contextos. Duas fontes principais de aprendizagem foram apontadas por 62,5% dos participantes: as aulas particulares do idioma e as escolas e os cursos de idiomas. As experiências e as vivências informais em viagens ao exterior também contribuíram para o aprendizado dos idiomas estrangeiros, sendo apontada por 50% dos inquiridos. A educação formal dos pianistas no exterior tem pouca influência na aprendizagem de língua estrangeira. Provavelmente, esse resultado sinaliza que os pianistas aprendem os idiomas em etapas anteriores à uma pós-graduação, em função da demanda de trabalho e da trajetória de vida, por exemplo. Não houve qualquer pianista que citou o contexto universitário como fonte de aquisição de LE. Nenhum respondente assinalou o campo “outros” do questionário. Esses dados estão apresentados na Tabela 3 abaixo.

<b>Modalidade de aquisição da(s) língua(s) estrangeira(s)</b>	<b>Respondentes</b>	<b>Porcentagem</b>
Em aulas particulares do(s) idioma(s)	5	62,5%
Em escolas e/ou cursos de idiomas	5	62,5%
Na educação básica (ensino regular, Ensino Fundamental e/ou Médio)	2	25%
No ensino superior, durante a graduação universitária	0	-
De modo <u>auto-didata</u>	2	25%
Em experiências/vivências informais e/ou viagens ao exterior	4	50%
Na educação formal no exterior (graduação, pós-graduação, festivais ou cursos livres)	1	12,5%
No ambiente/por influência da família	2	25%
Ao longo da atuação, em contextos de trabalho (com cantores, professores, maestros e outros)	0	-
Outros	-	-

Tabela 3 – Os modos de aquisição da(s) língua(s) estrangeira(s). FONTE: autoria própria.

Os pianistas também indicaram os modos de aprofundamento das competências lingüísticas em LE, caracterizando a formação continuada. As três principais estratégias desse aperfeiçoamento foram: (1) as experiências informais em viagens ao exterior; (2) as situações de trabalho e (3) o estudo auto-didata. Cada uma dessas categorias foi indicada por 50% dos pianistas. Os cursos livres e/ou festivais de música (12,5%) e as escolas e cursos de idiomas (12,5%) são os contextos menos prováveis para os pianistas ampliarem suas competências em LE. Nenhum respondente assinalou o campo “outros” do questionário.

<b>Modos de aprofundamento dos conhecimentos em língua(s) estrangeira(s)</b>	<b>Respondentes</b>	<b>Porcentagem</b>
Em aulas particulares do(s) idioma(s)	3	37,5%
Em escolas e/ou cursos de idiomas	2	12,5%
De modo <u>auto-didata</u>	4	50%
A partir de demandas de trabalho, de acordo com o repertório vocal requisitado	4	50%
Em cursos livres e/ou festivais de música	1	12,5%
Em experiências/vivências informais e/ou viagens ao exterior	4	50%
Outros	0	-

Tabela 4 – Modos de aprofundamento dos conhecimentos em Línguas Estrangeiras. FONTE: autoria própria.

No caso dos festivais de música, como o próprio nome sugere, os objetivos estão mais voltados às práticas musicais do que a vivências linguísticas. É mais provável que o indivíduo possa aprender linguisticamente nas interações com os demais profissionais do evento do que usufruir de um curso específico de línguas nesse contexto. Na literatura, confirma-se que as interações entre pianistas, cantores e professores de canto constituem um *locus* profícuo de aprendizagens colaborativas e mútuas (SOUSA, 2014; MONTENEGRO, 2013; PORTO, 2004). O aprofundamento dos conhecimentos em LE a partir de demandas de trabalho, apontado por 50% dos pianistas, confirma o contexto laborativo como um espaço-tempo de constantes aprendizagens pedagógico-musicais (MONTENEGRO, 2016). Com relação às escolas e aos cursos de idiomas, uma hipótese é que as exigências de cumprimento de um programa institucional pré-estabelecido não atenda aos objetivos profissionais dos pianistas. Ao mesmo tempo, as ementas e os programas seqüenciais parecem não se adequar a interesses específicos do indivíduo que deseja estudar o idioma estrangeiro e, desse modo, acaba preferindo aulas particulares e um tratamento mais personalizado.

Por fim, na segunda parte do questionário, foram elaboradas duas questões abertas: (1) na opinião dos pianistas, se existem relações entre os conhecimentos de LE e a interpretação pianística do repertório vocal e (2) se houve alguma experiência profissional marcante ao acompanhar cantores ou corais. Em ambos os casos, foi solicitado que os pianistas comentassem suas respostas.

A maioria dos pianistas concordou que existem relações entre os conhecimentos de LE e a interpretação pianística das músicas. O entendimento e a compreensão do idioma estrangeiro explicitam significados que orientam a interpretação musical. Nas palavras dos respondentes, “quando eu conheço e entendo em profundidade o texto que será cantado ou que serviu de inspiração para uma composição, haverá maior coerência e convicção na interpretação da música” e “É importante você ter conhecimento do texto a ser cantado para que haja uma boa interpretação/performance. Sem isso fica só na metade”. Em duas respostas analisadas, seria necessário entrevistar os pianistas para aprofundar e esclarecer as ideias registradas no questionário.

Na última questão aberta, ao relatar sua experiência significativa com um grupo coral, uma pianista confirma a importância da compreensão (ou pelo menos a tradução) do texto em língua estrangeira para dar coerência à sua interpretação musical. Segundo a pianista, o entendimento textual explicitou significados capazes de ampliar a vivência da apresentação musical, permitindo um envolvimento que marcou sua memória. Em suas palavras:

quando toquei a Misa Tango com o Coro Sinfônico Comunitário e orquestra da UnB. Por conhecer profundamente a peça e a sua letra, toquei do começo ao fim muito envolvida com a música. Por muitas vezes durante a execução da peça tive a impressão de estar "tocando o texto", e me senti misturada com as notas que saíam das minhas mãos, da orquestra e do coral. Ali eu pensei que aquilo sim, era "fazer música em conjunto". E saí de lá com a minha alma muito alimentada, feliz de ter participado tão profundamente.

#### 4. Considerações

Os conhecimentos do pianista colaborador vão além do campo musical. Os profissionais que se dedicam ao repertório vocal são constantemente colocados em desafios para a *performance* musical que os fazem refletir sobre dimensões lingüísticas do repertório vocal, que majoritariamente é escrito em línguas estrangeiras. Os conhecimentos de LE, segundo os respondentes, estão ligados à fonética, à pronúncia e à dicção em função da natureza do trabalho, do repertório musical e das exigências de *performance* pelo cantor. Além do domínio do acompanhamento musical, o pianista colaborador é constantemente solicitado a trazer contribuições à formação do cantor no que se refere à pronúncia correta do idioma estrangeiro.

Geralmente, quando a trajetória profissional do pianista colaborador é mais longa e a sua experiência se sedimenta, os conhecimentos em línguas estrangeiras também se ampliam. A tradução da LE representa um trabalho refinado e um entendimento mais profundo, capaz de subsidiar a *performance* musical com mais coerência e precisão.

As aprendizagens e o aperfeiçoamento de LE ocorrem de modo formal (cursos, aulas particulares) e informal (experiências no exterior, influencia da família). Em ambos os casos, é notório o engajamento do pianista colaborador em questões formativas que podem solidificar a trajetória profissional. A necessidade e a importância da aprendizagem de LE para o pianista colaborador nos convida a pensar, inclusive, sobre a formação universitária. O fato de nenhum participante desta pesquisa apontar o contexto universitário como fonte de aquisição de LE também abriu reflexões sobre a necessidade do diálogo interdisciplinar na universidade.

A falta de conhecimentos lingüísticos em Tcheco e em Russo sinaliza uma necessidade formativa emergente para pianistas colaboradores e cantores que se dedicam à música erudita. Esses idiomas, embora sejam distantes do português brasileiro e tenham origem distinta à latina, ganharam destaque por muitos compositores nacionalistas do romantismo europeu, como Sergei Prokofiev, Tchaikovski, na Rússia, e Dvorák, na República Tcheca. Pensar em políticas formativas que possam viabilizar e fomentar o estudo dessas línguas estrangeiras a cantores, professores de canto e pianistas é particularmente importante.

A partir deste estudo, outras discussões podem ser aprofundadas nos campos da música, educação e lingüística, promovendo aportes teóricos que orientem os músicos profissionais em suas práticas, suas aprendizagens autônomas, e nas articulações de competências lingüísticas. Os caminhos dialógicos potenciais entre essas áreas são coerentes com a natureza do trabalho do pianista colaborador com o repertório vocal, e tais caminhos inspiram possibilidades pedagógicas multidisciplinares na universidade. Ao mesmo tempo, sugerem uma certa mudança de paradigma interpretativo pelo pianista, que não deve se limitar à linguagem musical, e sim ampliá-la dialogicamente com a lingüística.

### Referências:

- ADLER, Kurt. *The art of accompanying and coaching*. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 1965.
- BALLESTERO, Luiz Ricardo Basso. As relações entre texto e música na performance da música vocal a partir de publicações de pianistas colaboradores. In: XXIV CONGRESSO DA ANPPOM, 24, 2014, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2014. p. 1-7. Disponível em : < <http://www.anppom.com.br/congressos/index.php/24anppom/SaoPaulo2014/paper/view/2751/930>> Acesso em 01 abr 2018.
- CORCORAN, Catherine Theresa. *The making of an Opera Coach*. Columbia, 2011. 195 f. Tese (Doutorado em Educação). Teachers College, Columbia University, Columbia, 2011.
- CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa; RIBEIRO, Elisa Antonia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. *Evidência*, Araxá, v. 7, n.7, p. 251-266, 2011. Disponível em: < <http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/201/187>>. Acesso em 30 mar. 2018.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOMES, Almir Anacleto de Araujo; SILVA, Mikaylson Rocha da. Aquisição de língua estrangeira sob uma perspectiva dos pressupostos metodológicos da sociolingüística variacionista. In: CONEDU, 4, 2017, João Pessoa. *Anais...* Joao Pessoa: Conedu, 2017, p. s/n Disponível em: < [https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV073\\_MD1\\_SA15\\_ID\\_8711\\_16102017112607.pdf](https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA15_ID_8711_16102017112607.pdf) > Acesso em 30 mar 2018.
- KATZ, Martin. *The complete collaborator: the pianist as partner*. New York: Oxford University Press, 2009.
- MONTENEGRO, Guilherme F. C. *Os modos de ser e agir do pianista colaborador: um estudo de entrevistas com profissionais do Centro de Educação Profissional – Escola de Música de Brasília*. 2013. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Departamento de Música, Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/15260> . Acesso em: jul. 2016.
- \_\_\_\_\_. “É atuando mesmo que o pianista correpetidor vai aprendendo um monte de coisa!”: a formação continuada em contexto de trabalho. In: XIV Encontro Regional Centro Oeste da ABEM, 2016, Cuiabá. *Anais do...* Cuiabá: Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016.

MUNIZ, Franklin Roosevelt Silva. *O pianista camerista, correpetidor e colaborador: as habilidades nos diversos campos de atuação*. Goiânia, 2010. 47 f. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade de Goiás, Goiânia, 2010.

PORTO, Maria Caroline de Souza. *O pianista correpetidor no Brasil: empirismo versus treinamento formal na aquisição das especificidades técnicas e intelectuais necessárias à sua atuação*. Goiânia, 2004. 101f. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

SOUSA, Luciana Mittelstedt Leal. *Interações entre o pianista colaborador e o canto erudito: habilidades, competências e aspectos psicológicos*. Brasília, 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado em Musicologia). Departamento de Música, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

## Notas

---

<sup>1</sup> Neste artigo, o termo língua estrangeira será adotado por ser mais adequado e coerente ao escopo do estudo. De acordo com Gomes e Silva (2017), trata-se de uma nova língua aprendida pelo indivíduo após a língua materna. Pode ser aprendida em situações formais ou informais e serve a qualquer propósito. Não será tratada como sinônimo de segunda língua porque, no caso dos pianistas nessa investigação, mais de duas línguas são aprendidas pelos sujeitos investigados.

<sup>2</sup> Eventualmente, o termo Língua(s) Estrangeira(s) será abreviado por LE neste texto.

<sup>3</sup> Na capital, essa escola oferece o ensino de música na modalidade da educação profissional, e pertence à rede pública de ensino do DF.

<sup>4</sup> No original, em inglês: reading; aural comprehension; speaking and singing diction(CORCORAN, 2011, p. 85)